



Greenvolt capta dinheiro português e antecipa avalanche de IPO

HOME PAGE 2

negócios

negocios.pt

Quinta-feira, 15 de julho de 2021 | Diário | Ano XVIII | N.º 4536 | € 2,70
Diretora **Diana Ramos** | Diretor adjunto **Celso Filipe**

LUÍS TODO BOM
Os fundos de investimento e os projetos rentistas
OPINIÃO 26



ÁLVARO NASCIMENTO
Os reguladores em Portugal mais parecem direções-gerais
OPINIÃO 27



Recolher noturno no Algarve litoral ameaça verão de 2021

Reavaliação da situação pandémica deverá atirar 14 dos 16 concelhos da região sul do país para o vermelho. Limitações terão forte impacto económico para a restauração e hotelaria. Turismo dá a época por perdida.

ECONOMIA 10 e 11

OPEP volta a ter na mão chave para preço do petróleo

Emirados Árabes Unidos bateram o pé e criaram um impasse no mercado. Governo diz que val mexer nas margens para travar subida dos combustíveis.

PRIMEIRA LINHA 4 a 9



SAD do Benfica
Investidores podem retirar ordens até ao final da oferta

MERCADOS 22 e 23

Paquete Funchal
Americanos renovam navio para o deixarem fora de alto-mar

EMPRESAS 20

Lex
Fiscalistas defendem IRC mais baixo no OE para 2022



Zagope junta solar às obras em que aposta

EMPRESAS 18 e 19

TC chumba apoio aos recibos verdes

Juizes confirmam impacto da medida nas contas, dando razão ao Executivo.
ÚLTIMA 28

EMPRESAS

CONSTRUÇÃO

Zagope quer entrar nos projetos do solar

Ferrovias, metropolitanos e energia solar são as áreas em que a construtora portuguesa detida pela Andrade Gutierrez quer atuar no seu regresso ao mercado nacional. Com mil milhões de euros de obra em carteira, a Zagope prevê faturar 220 milhões este ano.

MARIA JOÃO BABO
mbabo@negocios.pt

A Zagope, construtora portuguesa detida pela brasileira Andrade Gutierrez, quer voltar a ganhar obra no mercado nacional, do qual esteve afastada nos últimos anos, tendo agora o foco nos grandes projetos na ferrovia e nos metros, mas também na energia solar. Em entrevista ao Negócios, Ricardo Sá, o novo CEO da construtora que recentemente apenas ganhou em Portugal um dos lotes da linha circular do Metropolitano de Lisboa, explica que depois de ter levado a cabo uma reestruturação, que lhe permite hoje “não ter dívida bancária”, a Zagope “quer regressar com a máxima força ao mercado português”, acompanhando os “compromissos que o país assumiu para atingir a neutralidade carbónica em 2050”. Em seu entender, o Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) vai ser um “turbinador” dessa estratégia, mas, “com PRR ou não”, o caminho de Portugal passa por projetos que ajudem à descarbonização, prioridades que a construtora traduziu no seu plano estratégico.

Ricardo Sá salienta que os projetos da ferrovia e dos metros serão, em termos de dimensão de investimento, os mais relevantes, mas o solar é uma nova área em que pretende estar presente, até porque “o nosso grupo é líder na América Latina em contratos ‘chave na mão’ para a instalação e gestão de projetos de energia solar”, explica. O responsável sublinha que a construtora está “em

“

Não quisemos fazer o plano estratégico contando com o PRR, mas ele vai ser uma bela de uma surpresa. Vem turbinar isso tudo.

RICARDO SÁ
CEO da Zagope

contacto com inúmeros clientes” e “já tem negociações avançadas”, tendo hoje um estaleiro instalado em Palmela para atender a esse mercado. “Palmela é uma região estratégica em termos logísticos. Temos uma área de 30 mil metros quadrados destinada a esse tipo de segmento”, avançou. Apesar de ser “um segmento em que queremos apostar muito”, Ricardo Sá não tem dúvidas de que, face à dimensão das obras da ferrovia e dos metros, “o solar é um segmento que vem para compor”, até porque “se comporta de forma muito diferente dos grandes projetos de infraestrutura porque o seu ciclo de maturidade é muito rápido”. “São projetos em que, da negociação da proposta à implantação, estamos a falar de 10, 12 ou 18 meses, enquanto nos grandes projetos de infraestrutura, entre o momento em que se começa a negociar até à entrega da obra, estamos a falar quatro a cinco anos.”

Além do solar, Ricardo Sá explica que a empresa tem também já negociações em curso com clientes privados para a área de

mineração de não ferrosos”, escusando-se a avançar mais pormenores por questões de confidencialidade.

Mil milhões de euros de obras em carteira

Ricardo Sá explica que a estratégia de crescimento da construtora foi delineada para se iniciar em 2020, “mas, como o mundo inteiro, fomos surpreendidos pela pandemia”. Ainda assim, assegurou que apesar da covid-19 foi possível “deslocar o crescimento que tínhamos previsto para 2021”. Depois de 2020 ter faturado 130-140 milhões de euros, este ano a Zagope prevê encerrar acima dos 220 milhões de euros. Em carteira, disse o CEO, tem atualmente contratos de 1.000 milhões de euros, os quais permitirão elevar a faturação a 350 milhões em 2022 e aos 450 milhões em 2023.

Portugal representa hoje menos de 10% do volume de negócios da Zagope, mas “há três anos nós não tínhamos contratos em Portugal”, recorda Ricardo Sá. Das obras em carteira, acrescenta, Portugal representa 15%, cabendo a maior fatia neste momento ao Gana (35%), seguindo-se Moçambique, com um peso de 25% e onde a Zagope detém agora uma empresa de transporte marítimo. Angola pesa hoje 15% na carteira de obras da construtora, o Líbano 8% e a Argélia 2%. O grupo está agora a entrar no Senegal e no Uganda.

Aos 54 anos, a Zagope emprega cerca de 900 trabalhadores (que inclui uma redução devido à paralisação do projeto do LNG em Moçambique). Ricardo Sá frisa que, durante a pandemia, não houve despedimentos nem recurso ao lay-off, tendo até contratado mais 100 colaboradores e aumentado o programa de estágios de verão. ■

“

Durante a pandemia não demitimos ninguém, com muito esforço, não pusemos ninguém em lay-off. E contratámos mais de 100 colaboradores.

RICARDO SÁ
CEO da Zagope

Certificação antissuborno

O novo CEO da Zagope, construtora portuguesa detida pela brasileira Andrade Gutierrez, garante que “a página do Lava Jato já foi virada”, fechado que está o acordo de leniência com o grupo que esteve envolvido no esquema de corrupção no Brasil. Ao Negócios, Ricardo Sá salienta que a Zagope foi “a primeira empresa de construção do lado de cá do Atlântico a ter a certificação ISO 37.001”, que diz respeito ao sistema de gestão antissuborno. O novo presidente executivo da construtora portuguesa, que é também “chairman” do conselho executivo de administração da alemã Inzag e membro do conselho de administração do grupo Andrade Gutierrez, salienta uma outra novidade para o sistema de segurança das obras: o lançamento de uma app em que os trabalhadores através do telemóvel conseguem apontar as não conformidades para evitar acidente.



Ricardo Sá, CEO da Zagope, diz que a con

Miguel Baltazar

PERGUNTAS A RICARDO SÁ

Presidente executivo da Zagope

“Aumento do preço dos materiais não é um problema de Portugal”

O CEO da Zagope diz ser um desafio contratar mão de obra, mas garante que o setor sempre encontrou solução.

Dos vários concursos para a ferrovia e metros lançados em Portugal nos últimos anos, a Zagope só ganhou um. Porquê?

Estávamos com o olhar para fora, nos mercados africanos, mas percebemos que chegava a hora de voltarmos a olhar para o mercado português. Aproveitámos esse tempo que estivemos fora para nos reestruturar e hoje somos uma organização mais enxuta.

O primeiro-ministro fez já um desafio às empresas portuguesas para que se unam para as novas grandes obras. A Zagope tem essa abertura?

Temos a vocação de irmos nós, mas se houver complementaridade técnica que adicione valor não vejo porque não testar.

O aumento dos custos da mão de obra e dos materiais é hoje um constrangimento?

Esse aumento dos preços dos materiais, muito impulsionado pelas “commodities”, está a acontecer no mundo todo. Não é um problema específico de Portugal.

Mas em Portugal deve levar a um aumento dos preços base dos novos concursos? O PRR é uma janela de oportu-

“

Tenho a certeza de que as empresas públicas vão ter a responsabilidade de tratar esse aumento pandémico dos preços dos materiais importantes para a construção.

RICARDO SÁ
CEO da Zagope

”

tunidade única, mas tenho a certeza de que as empresas públicas - da ferrovia e dos metros - vão ter a responsabilidade de tratar esse aumento pandémico dos preços das “commodities” e consequentemente de materiais importantes para a construção [nos preços base dos concursos públicos]. Se fosse algo localizado podia gerar uma distorção, mas não tenho dúvidas de que estão a ver isso acontecer em todo o mundo.

Sente dificuldade em encontrar mão de obra?

É um desafio, mas as construtoras convivem com esse problema há muito tempo e a solução encontra-se sempre. ■



strutura aproveitou o tempo que esteve fora do mercado português para se reestruturar.